

SUJEITO

META

Conceituar SUJEITO e apresentar suas possibilidades de manifestação, na ótica sintagmática.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

- reconhecer seqüências lingüísticas na função de sujeito;
- analisar as estruturas da língua no papel de sujeito;
- distinguir os diversos tipos de sujeito, segundo a NGB.

PRÉ-REQUISITOS

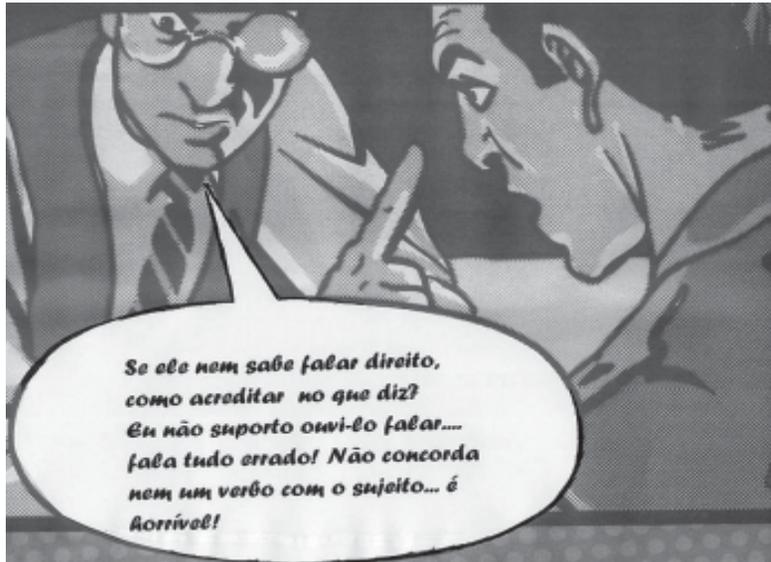
Aula sobre sintaxe.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

INTRODUÇÃO

Prezado aluno, nesse momento do curso, convido-o a desvendar as relações sintático-sintagmáticos das frases e/ou orações na perspectiva da categoria sintática conhecida como sujeito. Nesse sentido, iremos percorrer a trilha da chamada análise sintática. Esse terreno é instigador por exigir do transeunte a ativação de mecanismos lógico-cognitivos que se sobrepõem à ativação predominante da memória, o que, muitas vezes, torna-se uma prática cansativa. Quanto mais você se voltar ao desenvolvimento das relações sintáticas dos enunciados, tanto maior será o seu envolvimento nesse trabalho. Iniciemos, então, a nossa viagem.



(Fonte: <http://www.rumootolerancia.fflch.usp.br>).

UM POUCO DE HISTÓRIA

Desde o início das investigações lingüístico-filosóficas a respeito da linguagem, feitas pelos gregos, assunto de que você deve ter tomado conhecimento ou relembrado, no seu curso de lingüística, há referências à noção de sujeito. Nesse sentido, Platão, ao definir substantivo e verbo, associa substantivo a sujeito e verbo a predicado. (LYONS, 1979: 363). Na tradição grega, entretanto, o estudo sistemático da sintaxe só aparece na obra de Apolônio Píscolo, no século II a.C.

Essa tradição atinge a cultura romana, o mundo medieval, o Renascimento, sofre modificações nos séculos XVII, XVIII e XIX. Contudo, a gramática de Dionísio da Trácia e os estudos de Apolônio Píscolo constituem o alicerce dos nossos gramáticos escolares, que correspondem, por essa razão, ao que se chama de Gramática Tradicional:

Nessas gramáticas podemos ver que há, ao pensamento de Platão nessa mesma perspectiva há afinidade no que respeita a noção de sujeito como “o membro da proposição do qual se declarou alguma coisa” (PEREIRA, 1920: 201) é predominante nos nossos gramáticos escolares. Nesse sentido, veja-se a definição seguinte: “-Sujeito: o ser de quem se diz algo”; (LIMA, 2008: 234). Convém lembrar a relação de dependência concernente às noções de sujeito e predicado, o que veremos a seguir: “-Predicado: aquilo que se diz do sujeito” (Idem). Essa mesma relação é depreendida da afirmação de que “O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO”, (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 119).

Vocês já devem ter percebido que sujeito é uma categoria dependente do predicado. Assim, essas duas categorias sintáticas se manifestam em um nível lingüístico a ela superior correspondente ao que denominamos de frase e/ou oração.

SUJEITO NA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

O surgimento do estruturalismo lingüístico com as conhecidas dicotomias saussureanas, sobremaneira a dicotomia relacionada às relações associativas e sintagmáticas, acarretou uma nova maneira de abordar os fenômenos da linguagem. Nessa ótica, esses fenômenos devem ser distinguidos segundo as relações depreendidas entre os termos da língua. Relações manifestadas entre termos ausentes da cadeia da fala, mas presentes na mente dos falantes constituem as relações associativas. Relações estabelecidas entre elementos igualmente presentes na cadeia da fala correspondem às relações sintagmáticas. Essas relações configuram o conceito de sintagma.

Assim, no que respeita ao estudo das frases e/ou orações, as relações aí existentes constituem os chamados sintagmas.

Nessa perspectiva, a sintaxe se volta para todas as relações verificadas no eixo sintagmático da língua. Dessa forma, o estudo do SUJEITO se inclui na vertente sintagmática da língua.

Retornando o que vocês estudaram referente aos sintagmas, citamos Inez Sautchuk que, embora aceite o conceito de sintagma em sentido amplo, prefere considerar sintagma “toda construção sintática que constitui um ‘bloco’ significativo ou funcional no eixo horizontal, firmado a partir de uma ou mais de uma unidade lingüística de nível imediatamente inferior”, (SAUTCHUK, 2004, p. 39). Esses blocos apresentam mobilidade específica relacionada às funções sintáticas a eles relacionados.

Em uma frase como Os livros estão na estante, à seqüência ‘Os livros’ constitui um sintagma, um bloco funcional, pois nenhum dos seus elementos pode se deslocar isoladamente sem que se desrespeitem as leis sintáticas da língua. Esses desrespeito geraria uma seqüência não considerada frase da língua como o exemplo seguinte:

Os estão livros na estante.

O deslocamento do bloco ‘Os livros’, na frase – “Os livros estão na estante”, não acarretaria à seqüência a perda do status de frase da língua, o que pode ser comprovado no exemplo seguinte:

Estão os livros na estante.

Todo sintagma, lembrando o visto na sétima aula, apresenta um cerne um núcleo portador de carga semântica bio-sócio-cultural depreendida do morfema lexical nele existente, segundo o que vocês estudaram na disciplina Lingüística. É esse núcleo que nos permite o reconhecimento de sintagmas nominais, sintagmas adjetivos e de sintagmas verbais. No sintagma nominal, o elemento nuclear é um lexema-substantivo ou uma palavra que o substitua. O lexema-adjetivo é condição do sintagma adjetivo ou adjetival. Já o lexema-verbo constitui o núcleo do sintagma verbal.

Na frase ‘O menino passeava muito feliz’. ‘O menino’ constitui um sintagma nominal, cujo núcleo é o lexema-substantivo ‘menino’; ‘muito feliz’ é um sintagma adjetival, pois o seu núcleo é o lexema-adjetivo ‘feliz’ e ‘passeava muito feliz’ é um sintagma verbal já que o seu núcleo é o lexema-verbo ‘passeava’.

Retomando a noção de sujeito, o nosso interesse se volta ao sintagma nominal já que apenas os sintagmas nominais ou seus substitutos pronominais podem exercer a função sintática de sujeito.

Retomamos a idéia de que toda oração necessariamente apresenta um sintagma verbal (SV). O SV, repetimos, é constituinte obrigatório da

oração. Essa obrigatoriedade não se estende ao constituinte racional denominado de sujeito. A noção de sujeito deve fugir a incursões semânticas, por serem elas, segundo Sautchuk, passíveis de falhas. A autora afirma, em relação ao sujeito, que “considerá-lo termo essencial da oração já apresenta uma série de exceções, pois, como se sabe, há numerosos casos de orações sem sujeito em português”. (SAUTCHUK, 2004, p. 56).

Vejam os exemplos de orações sem sujeito:

- Nunca mais haverá discórdia.
- Entardecia.
- São doze horas..

Inez Sautchuk, na obra citada, considera a impropriedade da definição de sujeito com “o termo sobre qual se afirma algo”. Lembra a autora não só a existência das orações sem sujeito mais ainda evidencia, em orações da língua portuguesa, a presença de termos sobre os quais se afirma alguma coisa, termos esses que não exercem a função sintática de sujeito. Nesse sentido, seguem-se exemplos:

1. Joãozinho olhava o brinquedo do amigo.
2. Maria se encantava com os brinquedos da vitrine.

Na frase 1, segundo a afirmação de que sujeito é “o termo que exprime o ser de quem se afirma alguma coisa” (KURY, 2000, p. 21), o brinquedo seria sujeito, já que dele se afirma que é posse do amigo. Na frase 2, de forma semelhante, ‘as bonecas’ seria sujeito, pois delas se afirma que ‘estão na vitrine’.

Continuando o questionamento sobre as inconsistências das definições de sujeito encontrado nas gramáticas escolares, Inez lembra a impropriedade da informação de que sujeito é o termo que pratica a ação expressa pelo verbo, uma vez que há orações em que o sujeito não pratica a ação, em que a estrutura verbal seja considerada voz passiva.

Observamos os exemplos:

1. O jovem continuava pensativo.
2. O jovem apanhou dos seqüestradores.

Tanto em 1, quanto em 2, “O jovem funciona como sujeito”. Entretanto, ‘O jovem’ não realizou qualquer ação.

Diante dessas inconsistências verificadas nas definições de sujeito encontrados nos gramáticos escolares, um caminho menos tortuoso para a sua compreensão e conseqüentemente para sua apreensão é a observação da estrutura sintática da oração, em português.

Em português, as orações se organizam segundo “uma disposição dos sintagmas na cadeia falada que obedece a um determinado padrão de

construção, que podemos agora chamar de *padrão sintático de construção*” (SAUTCHUK, 2004, p. 58).

Esse padrão corresponde à disposição: sujeito, verbo, complemento (SVC). A posição de sujeito será sempre ocupada, como já foi dito, por um sintagma nominal ou por um termo substituto de natureza substantiva. Ele deve ocupar, na ordem direta da língua, a primeira posição da construção SVC.

Diante dessa compreensão morfossintática do sujeito, Inez Sautchuk propõe um caminho prático no sentido de se encontrar o sujeito das orações da língua portuguesa. Esse método consiste no seguinte: procurar, nas orações, quaisquer termos não introduzidos por preposição – o que caracterizaria o sintagma preposicionado –, que possam ser substituídos por pronomes pessoais do caso reto. Nesse sentido, necessário se torna que se isolem as orações cujos sujeitos devem ser encontrados. Após essa etapa, as orações isoladas devem ser transformadas em perguntas hipotéticas. As respostas a essas perguntas devem substituir, com propriedade, sintagmas nominais por pronomes retos. Os sintagmas possíveis dessa substituição correspondem aos sujeitos dessas orações, já que apenas pronomes pessoais do caso reto podem ser substituídos de sujeito das orações.

Seguem-se exemplos:

1. Saíram do prédio todos os moradores.
- Saíram do prédio todos os moradores?
- Sim, eles saíram do prédio.
2. Chegou hoje, na escola, o representante do MEC.
- Chegou hoje, à escola, o representante do MEC?
- Sim, ele chegou hoje, a escola.
3. Na primavera, surgem as flores e as árvores.
- Na primavera, surgem as flores e as árvores?
- Sim, na primavera, elas surgem.

A dificuldade encontrada no caso da compreensão dos sujeitos propositos, o que configura a ordem inversa em português, pode ser vencida, principalmente pelos alunos dos cursos fundamental e médio com a utilização desse método proposto pela Inez Saltchuk.

CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL DO SUJEITO

O sujeito é classificado nas nossas gramáticas tradicionais da seguinte forma:

- Simples
- Composto
- Oculto, desinencial ou elíptico
- Indeterminado
- Inexistente (oração sem sujeito).

Agora vamos relembra-los a vocês essas noções gramaticais, embora aceitemos o ponto de vista de Saltchuk no sentido de que o conhecimento dessa nomenclatura de classificação em nada contribui no que respeita ao uso da língua. Conhecer essa classificação lhe será útil no ensino da sintaxe tradicional, exigência de muitos programas de língua portuguesa.

O sujeito simples é aquele formado por um único, núcleo. Assim, um único pronome reto substituirá o único núcleo existente. Seguem-se exemplos:

1. Apareciam as primeiras velas da embarcação.
 - Apareciam as primeiras velas da embarcação?
 - Sim, elas apareciam.
2. Caminhava, todas as manhãs, o jovem estudante.
 - Caminhava, todas as manhãs, o jovem estudante?
 - Sim, ele caminhava, todas as manhãs.

Em relação ao sujeito composto, dois ou mais sintagmas nominais são trocados por um só pronome nominal. Seguem-se os exemplos.

1. Estudavam bastante o jovem e a sua namorada.
 - Estudavam bastante o jovem e a sua namorada?
 - Sim, eles estudavam bastante.

Vocês devem ter na lembrança o conceito de sujeito oculto, também chamado de elíptico ou desinencial, aquele sujeito “marcado na própria desinência verbal”. (SAUTCHUK, 2004, p. 63). Como vocês já devem ter compreendido, no reconhecimento desse sujeito, não há substituição de sintagma nominal por pronome reto. Há o acrescentamento de um pronome reto no que respeita a oração observada.

Observem-se os exemplos:

1. Encontrou o menino o livro desejado, embora já estivesse desesperançado.
 - Encontrou o menino o livro desejado, embora já estivesse desesperançado?
 - Sim, o menino encontrou o livro desejado, embora ele já estivesse desesperançado.
2. Encontramos o tesouro perdido.
 - Encontramos o tesouro perdido?
 - Sim, nós encontramos o tesouro perdido.
3. Ocorreram fatos desagradáveis naquele condomínio. Inquietaram os moradores.
 - Inquietaram os moradores?
 - Sim, eles inquietaram os moradores.

Atenção:

Em português, só há sujeito oculto no que respeita a pronomes de terceira pessoa do singular ou do plural, quando há orações correlacionadas, como nos exemplos de número 1 e número 2.

A indeterminação do sujeito apresenta uma maior complexidade. As orações de sujeito indeterminado trazem o verbo na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular acompanhado da partícula se.

Na depreensão desse tipo de sujeito é possível aplicar o método prático da Inez Sautchuk. Necessário se faz então o acrescentamento na oração observada de “duas ou três variações de um pronome reto de 3ª pessoa, ou seja, ele(s), elas(s), você(s)” (SAUTCHUK, 2004, p. 64).

1. Falaram muito a respeito do caso.
 - Falaram muito a respeito do caso?
 - Sim, eles, elas, vocês falaram muito a respeito do caso.
2. Falava-se da corrupção.
 - Falava-se da corrupção?
 - Sim, (ele, ela, você) falava da corrupção.

Atenção:

Em construções com verbos na 3ª pessoa do singular ou do plural acompanhados do pronome se, necessário se torna reconhecer os casos de se (pronome apassidade).

Esse reconhecimento é feito através da substituição da seqüência verbo e partícula se pela construção de passivo analítico correspondente. Efetuada essa substituição, afasta-se a hipótese de indeterminação do sujeito e a técnica de pergunta/resposta, através da substituição de sintagma nominal ou de sintagmas nominais por pronomes retos indicará o sujeito.

Observe:

1. Vende-se roupa de criança.
 - Vende-se roupa de criança?
 - Sim, roupa de criança é vendida. (Sim, ela é vendida).

Há ainda que falar das orações que não possuem sujeito, o que constitui os chamados casos de sujeito inexistente. Nessas orações, o verbo, chamado de impessoal, apresenta-se na 3ª pessoa do singular. O método da Sautchuk contempla esses casos, pois, na terceira pergunta/resposta, nada é substituído ou acrescentado.

Atenção:

1. Há muitos alunos na sala.
 - Há muitos alunos na sala?
 - Sim, há muitos alunos na sala.

2. Faz muito frio em Santa Catarina.
- Faz muito frio em Santa Catarina?
 - Sim, faz muito frio em Santa Catarina

Reiteramos que toda essa técnica de reconhecimento do sujeito foi retirada do livro *Prática de Morfossintaxe* de Inez Sautchuk.

CONCLUSÃO

Uma das justificativas do estudo do sujeito é a de que, o conhecimento se auto-justifica. Além disso, conhecer o sujeito das orações facilita a compreensão dos textos e a apreensão das relações discursivas. De outro modo, professores de língua portuguesa não podem descuidar desse tipo de conhecimento.

RESUMO

A noção de sujeito já se encontra na Tradição Lingüística da Grécia. Essa noção é retomada pelas nossas gramáticas escolares; inclusive as hodiernas. Com os avanços dos estudos lingüísticos, a partir dos propostos de Ferdinand de Saussure, sobretudo, no que respeita as relações associativas e sintagmáticas, desenvolveu-se a teoria dos sintagmas e da sua organização em unidades superiores como frases e/ou orações. Servindo-se então dessa perspectiva lingüística, Inez Sautchuk revisita o estudo do sujeito na gramática tradicional, a ele faz críticas pertinentes e apresenta sua proposta sintática de reconhecimento e de classificação do sujeito.



ATIVIDADES

Encontre o sujeito das orações seguintes, utilizando-se no método apresentado.

- a) “Vieram os refrescos”. (Graça Aranha).
- b) “Poucas reses conseguiram chegar ao bebedouro”. (Rodolfo Teófilo).
- c) “Chegaram à fazenda nove bois”. (M. de Maricá).
- d) “Sua bondade e a grandeza de atitudes eram por todos elogiados”. (Idem).
- e) “Toda a cordilheira aparecia coberta por um nevoeiro escuro”. (J. de Alencar).
- f) “Floriano caminhava pensativo”. (Érico Veríssimo).
- g) “A terrível sacerdotisa parou”. (Herculano).



- h) “Jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás”. (B. Guimarães).
- i) “Arma-se o estrado no meio da rua”. (C. D. de Andrade).
- j) “A cólera te cega, velho cacique...”
- k) “Toda a gente o julga uma fera”. (G. Ramos).
- l) “Os homens vêm tristes”. (Paulo Setúbal).
- m) “Hoje deve ser cinco de janeiro”. (I. L. Brandão).
- n) “Nunca houve semelhante caso em nossa cidade”. (L. F. Teles).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Encontre o sujeito das orações seguintes, utilizando-se no método apresentado.

- a) “Vieram os refrescos”. (Graça Aranha).
- Vieram os refrescos?
 - Sim, eles vieram.
- O sujeito é ‘os refrescos’ expressão substituída por ‘eles’.
- b) “Poucas reses conseguiram chegar ao bebedouro”. (Rodolfo Teófilo).
- Poucas reses conseguiram chegar ao bebedouro?
 - Sim, elas conseguiram chegar ao bebedouro.
- O sujeito é ‘poucas reses’ seqüência substituída por ‘elas’.
- c) “Chegaram à fazenda nove bois”. (M. de Maricá).
- Chegaram à fazenda nove bois?
 - Sim, eles chegaram à fazenda.
- O sujeito é ‘nove bois’, expressão substituída por ‘eles’.
- d) “Sua bondade e a grandeza de atitudes eram por todos elogiados”. (Idem).
- Sua bondade e a grandeza de atitudes eram por todos elogiados?
 - Sim, eram elas por todos elogiados
- O sujeito é a construção ‘Sua bondade e a grandeza de atitudes’, pois foi substituído pelo pronome ‘eles’.
- e) “Toda a cordilheira aparecia coberta por um nevoeiro escuro”. (J. de Alencar).
- Toda a cordilheira aparecia coberta por um nevoeiro escuro?
 - Sim, ela aparecia coberta por um nevoeiro escuro.
- O sujeito é ‘toda a cordilheira’ já que essa construção foi substituída pelo pronome ‘ela’.
- f) “Floriano caminhava pensativo”. (Érico Veríssimo).
- Floriano caminhava pensativo?
 - Sim, ele caminhava pensativo.
- O sujeito é ‘Floriano’ seqüência substituída pelo pronome ‘ele’.

g) “A terrível sacerdotisa parou”. (Herculano).

- A terrível sacerdotisa parou?

- Sim, ela parou.

O sujeito é ‘A terrível sacerdotisa’ construção substituída por ‘ela’.

h) “Jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes selvas de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás”. (B. Guimarães).

- Jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás?

- Sim, eles eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás.

O sujeito é ‘jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos’ passagem substituída pelo pronome ‘eles’.

i) “Arma-se o estrado no meio da rua”. (C. D. de Andrade).

- Arma-se o estrado no meio da rua?

- Sim, ele se arma no meio da rua.

O sujeito é ‘o estrado’ substituído por ‘ele’.

j) “A cólera te cega, velho cacique...”

- A cólera te cega, velho cacique?

- Sim, ela te cega, velho cacique.

O sujeito é ‘A cólera’, passagem substituída por ela.

k) “Toda a gente o julga uma fera”. (G. Ramos).

- Toda a gente o julga uma fera?

- Sim, ela o julga uma fera.

O sujeito é ‘Toda a gente’, seqüência substituída por ela.

l) “Os homens vêm tristes”. (Paulo Setúbal)

- Os homens vêm tristes?

- Sim, eles vêm tristes.

O sujeito é ‘Os homens’, passagem substituída por ‘eles’.

m) “Hoje deve ser cinco de janeiro”. (I. L. Brandão)

- Hoje deve ser cinco de janeiro?

- Sim, hoje deve ser cinco de janeiro

Essa oração não possui sujeito, já que nada lhe foi substituído ou acrescentado.

n) “Nunca houve semelhante caso em nossa cidade”. (L. F. Teles)

- Nunca houve semelhante caso em nossa cidade?

- Sim, nunca houve semelhante caso em nossa cidade.

Essa oração não possui sujeito, já que nada lhe foi substituído ou acrescentado.

Os professores Celso Cunha e Lindley Cintra são estudiosos renomados na área da língua portuguesa. Celso Cunha brasileiro e Lindley Cintra, português, contribuíram com excelência para o conhecimento do Português do Brasil e do Português de Portugal.

Rocha Lima, segundo Antônio Houaiss, merece ser homenageado pela contribuição dada “à preservação e excelência da nossa língua”. Brasileiro, atuou no magistério. É importante lembrar que sua Gramática Normativa incorpora “doutrina, exposição e síntese”.

Adriano da Gama Kury é exímio estudioso da língua portuguesa. Suas lições de Análise Sintática constituem material necessário a todos que desejam percorrer a trilha da sintaxe, principalmente os estudantes dos Cursos de Letras.

John Lyons é um lingüístico que nasceu em Manchester (Inglaterra) em 1932. Doutorou-se em 1959 em Cambridge, onde ensinou Lingüística. Sua Introdução à Lingüística Teórica permite um conhecimento geral das teorias lingüísticas desenvolvidas a partir do estruturalismo saussureano, além de apresentar um recorte muito pertinente relativo às tradições lingüísticas da antiguidade.

Eduardo Carlos Pereira é conhecido pelos críticos como um importante estudioso do seu tempo. Foi o primeiro professor de português do Ginásio da Capital, em SP, de 1895 até 1923. Além de português, o prof. Eduardo ensinou latim durante um ano nesse mesmo ginásio.

Inez Sautchuk é mestra e doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi professora de língua portuguesa, no ensino fundamental e médio. É professora no ensino superior de São Paulo, desde 1988. Ministra aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Celso; CUNHA, Lindley. **Nova gramática do português contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LIMA, C. H. da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.
- KURY, Adriano G. **Novas lições de análise sintática**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- PEREIRA, Eduardo C. **Gramática expositiva**. 10 ed. São Paulo: Coleção de obras de O Estado de São Paulo, 1920.
- SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe**. Barueri/SP: Manole, 2004.

ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

META

Explicar a função adjetiva do adjunto adnominal, um acessório do núcleo do sujeito e de outros núcleos, mostrando as classes adjuntas.

Apresentar a importância do complemento nominal, termos integrante da função substantiva.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

identificar os adjuntos adnominais do sujeito no período simples;

reconhecer o complemento nominal e sua importância para a integração das idéias na frase.

PRÉ-REQUISITOS

Aula sobre sintaxe.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

INTRODUÇÃO

Estamos aqui novamente com disposição para o trabalho com a aprendizagem da disciplina em foco. Vamos passar a expor agora noções básicas de termos da oração ligados ao Sujeito, no caso o adjunto adnominal e o complemento nominal.

Os termos acessórios da oração são adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo. É importante saber que todos esses termos são unidades sintáticas menores que se incluem dentro do sujeito ou do predicado, girando sempre em torno de nomes.

Nesta aula, iremos estudar um termo acessório da oração, o adjunto adnominal. Esse termo, na oração, determina um substantivo ou equivalente.

Todavia, aqui nesta aula, também falaremos um pouco do complemento nominal que apesar de ser um termo integrante da oração também faz referência ao nome.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

ADJUNTO ADNOMINAL

O adjunto adnominal é um termo que determina um substantivo (ou palavra de natureza substantiva); portanto sua função é atribuir uma qualidade ao determinante.

Veja: O rapaz feliz passeia.
| Adj. Adn. |

- O substantivo “rapaz” é determinado pelo artigo “o” e caracterizado (determinado) pelo adjetivo “feliz”.
- Entende-se que o rapaz é feliz independentemente da prática da ação de passear. Portanto “rapaz” foi caracterizado, adjetivado, pelos adjuntos adnominais.

Adjunto Adnominal é determinante de:

Substantivo - O rapaz feliz.

Pronome substantivo - Alguns dos alunos saíram.

Numeral substantivo - Dois dos alunos saíram.

- O A. A. só acompanha o substantivo ou uma palavra substantivada.

AS DIFERENTES CLASSES GRAMATICAIS DO ADJUNTO ADNOMINAL

A função de adjunto adnominal pode ser exercida por palavras de diferentes classes gramaticais.

Adjetivo	<u>linda</u> bola
Locução Adjetiva	bola <u>de basquete</u>
Artigo	<u>O</u> presente
Pronome	<u>Meu</u> presente
Numeral	<u>Duas</u> bolas

Veja esta frase:

Avistava-se a velha casa de paredes escuras.
| Adj. Adn. |

Aqui se vê o termo de paredes escuras preposicionado; portanto o adjunto adnominal aparece preposicionado quando representado por locução. (prep. + subst.)

ADJUNTO ADNOMINAL DETERMINANTE DE UM SUBSTANTIVO ABSTRATO

A viagem do diretor foi adiada.
Adj. Adn.

- Aqui o adjunto adnominal representa o ser que pratica a ação.
- Entende-se que o diretor é que praticaria a ação de viajar sendo o agente da ação.

Observação:

Se o substantivo abstrato representa o ser que é alvo da ação, não podemos dizer que o termo é A. A. e sim Complemento Nominal.

Veja: A viagem ao Rio foi adiada.
C. N.

Entende-se aqui que o Rio é alvo da ação de viajar.

Então, quando o substantivo determinado for abstrato devemos observar se ele é alvo ou agente da ação.

ADJUNTO ADNOMINAL X COMPLEMENTO NOMINAL

Tenha cuidado para não confundir o A. A. do C. N. Você acabou de ver que o determinante do substantivo abstrato pode ser C. N.

Então vamos estudar mais um pouco sobre isto.

Você aprendeu que o adjunto Adnominal é um termo acessório, de valor adjetivo, que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo.

Já o Complemento Nominal é um termo integrante da oração, necessário para completar o sentido de nomes: substantivos, adjetivos ou de advérbios que não possuem sentido completo dentro da frase.

Portanto, antes de classificar o A. A. pense nisso:

A buzina me assustou - sentido completo

A buzina do carro me assustou - sentido completo mais detalhado
A. A. (termo acessório)

Hoje faremos a compra... (de quê ?) - sentido incompleto

Hoje faremos a compra do carro - sentido completo
C. N. (termo integrante)

COMPLEMENTO NOMINAL

Como os verbos, muitos nomes (substantivos, adjetivos e, mais raramente, advérbios) podem ter sentido incompleto. E, por essa razão, precisam de um complemento, um termo que os torne claros: a esse termo damos o nome de complemento nominal (CN), pois completa o sentido de um nome.

O complemento nominal aparece sempre regido de preposição.

EX.: Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.

“Leitura” é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal “tenha feito”. Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. Leitura é, portanto, um nome transitivo, e “do texto” é seu complemento nominal.

Observe ainda outras expressões: ...fundação da cidade.

... homenagem à maior cidade.

As duas expressões destacadas completam os substantivos abstratos, constituindo, portanto, complementos nominais. – além de ser alvo da ação.

ADJUNTO ADNOMINAL X PREDICATIVO

Cuidado para não confundir adjunto do núcleo do objeto com o predicativo do objeto.

Ela deixou a mãe assustada.

O. D. Predicativo do O. D.

Ela comprou a blusa azul. - núcleo: **blusa**; **azul**: adj. adn.

O. D.

Observe que o predicativo atribuí ao objeto direto uma característica temporária.

Já o Adj. Adn. descreve uma característica constante, permanente.

OBSERVAÇÃO:

Para não se confundir, você pode tentar deslocar a palavra para outro lugar da oração. O predicativo pode ser deslocado para perto do verbo, enquanto que o adj. adn. não pode.

Veja: Ela deixou assustada a mãe.

Ela comprou azul a blusa.

CONCLUSÃO

É importante observar que ao núcleo substantivo, qualquer que seja a função deste, pode juntar-se um termo de valor adjetivo, para acrescentar-lhe um dado novo à significação : o adjunto adnominal.

E também devemos observar que o complemento nominal, geralmente, integra o sentido de nomes que correspondem a um verbo transitivo, normalmente relacionado pela forma ou pelo sentido.

Desta forma saberemos sempre definir quando é adjunto adnominal ou complemento nominal.



RESUMO

Como vimos:

O A. Adn. acompanha apenas o substantivo, caracterizando-o. Tem sentido ativo.

O C.N. acompanha um substantivo, um adjetivo, um advérbio e tem sentido passivo, sofre a ação.

O A. Adn. pode ser um artigo, um adjetivo, um pronome, um numeral, ou uma locução adjetiva, iniciada por preposição.

O A. Adn. acompanha um substantivo abstrato sendo agente da ação.

O A. Adn. não pode ser deslocado para perto do verbo quando aparecer no predicado como determinante do objeto direto.

ATIVIDADES

1. Todos os termos destacados funcionam como adjunto adnominal. exceto:

- a) () Digam que sou um homem sem orgulho.
- b) () Quero dantes a tua pele sem rugas.
- c) () Na estação de Vassouras, entraram no trem.
- d) () Eu quero a estrela da manhã.
- e) () Acalmava-se a contemplação desse jardim.

2. Em todos os itens, o termo destacado liga-se a substantivo abstrato. Classifique-o, escrevendo entre parênteses o número:

- (1) para adjunto adnominal
- (2) para complemento nominal

- a) () “Antes o vôo da ave, que passa e não deixa rastro.”
b) () “A recordação é uma traição à natureza.”
c) () “Meus olhos são pequenos para ver o deslizar do peixe sob a mina.”
d) () “Meus olhos são pequenos para ver o transporte das caixas de comida.”

3. Em todos os itens, o termo destacado é complemento nominal, exceto em:

- a) () “Estou farto do lirismo comedido.”
b) () “Estavam todos absortos na vida, confiantes na vida.”
c) () “Passei trinta anos longe dela.”
d) () “Minha alma estava naquele instante vazia de mim.”
e) () “Lembra-se da figura vaga do finado amigo.”

REFERÊNCIAS

- KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 1987.
SADMAN, Antonio José. **Morfologia Geral**. São Paulo: Contexto, 1991.
ZANOTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

APOSTO

META

Apresentar o aposto, termo acessório, sua relação com o sujeito e classificação segundo a NGB.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

compreender a relação do aposto com o substantivo e classificar os tipos de aposto em relação ao sujeito ou à oração.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas de sintaxe.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

INTRODUÇÃO

Olá! Estamos de volta. Nesta aula estudaremos mais um termo acessório da oração: o aposto. Sabemos que o aposto tem como núcleo um substantivo e sua relação se dá com outro substantivo. Como o enfoque dessa disciplina é o sujeito e o aposto a ele se relaciona, faz sentido estudá-lo agora, já que o sujeito tem função substantiva.

Há termos acessórios que modificam o sentido de nomes, outros modificam verbos. No sujeito e no predicado estão incluídos ou encaixados todos os outros termos da oração, que são as unidades menores; no entanto, o predicado será estudado posteriormente, na próxima disciplina.

Vamos ao estudo!



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

O APOSTO

Aposto é um termo de valor substantivo que identifica, explica, desenvolve ou resume um substantivo da oração, independente da função que este exerce.

O aposto é representado por um substantivo ou por expressão substantivada, frases e até orações. Em alguns casos, ele vem separado do termo que o identifica por vírgulas, por dois pontos e por travessões.

Nossa Terra, o Brasil, carece de políticas sociais.

aposto

- Entende-se que o termo “o Brasil” se refere a um mesmo ser, ao sujeito Nossa Terra.

Vendeu-se *tudo*: a casa, o carro, os móveis.

aposto

- Entende-se aqui que explica-se através da enumeração o termo tudo.

CLASSIFICAÇÃO DO APOSTO

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto como:

a) Explicativo - separa-se do substantivo que se refere por uma pausa, marcada na escrita por vírgulas, travessões ou dois pontos.

Ricardo, meu amigo, tem uma guitarra.

b) Enumerativo - é usado para desenvolver idéias que foram resumidas ou abreviadas num termo anterior.

Nada impedia seus planos: tristezas, dores, dificuldades.

c) Recapitulativo – é o aposto usado para resumir termos anteriores. É expresso geralmente por um pronome indefinido.

O barulho da rua, o frio intenso, a Luiz da lareira tudo o incomodava.

d) Comparativo

Seu senso crítico, eterno indagador, levou-o a questionar aquele caso.

e) Há ainda o aposto especificativo que por não vir marcados por sinais de pontuação, merece atenção. Ele aparece junto com a substantivo de

sentido genérico, sem pausa, para especificá-lo ou individualizá-lo. É constituído por substantivo próprio.

O poeta Castro Alves...

(O nome próprio se juntou a um nome comum.)

O rio Tietê atravessa a cidade de São Paulo.

(Pode ligar-se ao nome através de preposição)

CONCLUSÃO

O aposto não se refere apenas a um termo da oração, mas ao conjunto de idéias e expressões. É uma palavra substantiva de valor substantivo. O aposto se refere a um substantivo, explicando-o ou resumindo-o ou ainda especificando-o. É sempre colocado depois, logo, é o segundo substantivo.

RESUMO



Como vimos:

O aposto se refere a um substantivo com a função de equivalência.

O aposto pode ser classificado em explicativo, recapitulativo, enumerativo, especificativo.

O aposto é separado do termo a que ele se refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação.

ATIVIDADES



1. Sublinhe nas frases abaixo o aposto:

- Não aceitou a casa, mas aceitou o advogado, um contraparente do Palha.
- A capa, primeiro presente do marido, ia-lhe muito bem.
- Alegaram que Quincas Borba, um demente manifesto, não podia testar.
- Ouro Preto, uma antiga capital de Minas, figura entre as principais cidades históricas.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 24 ed. São Paulo: José Olympio, 1985.
- MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2007
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997